

Sítio Histórico de Natal em Cinco Sentidos

Cíntia Camila Liberalino Viegas
Contato: 8cintiacamila8@gmail.com

História da Arquitetura, do Urbanismo e do Território

INTRODUÇÃO

As interações pessoa-ambiente ocorrem por meio dos cinco sentidos humanos: visão, olfato, paladar, audição e tato. Como última fase de coleta de dados, a tese que investiga as transformações na forma urbana do Sítio Histórico de Natal (SHN) fez uso do método de percursos sensíveis, registrados em diário de campo e mapa de percursos, para complementar e esclarecer algumas dúvidas deixadas pelo método de pesquisa empregado anteriormente (questionários *online* acompanhados de fotografias), que buscava a percepção da historicidade do SHN.

Este tipo de abordagem é capaz de captar impressões, sensações e afetos dos caminhantes, que podem ser expressadas no momento da fusão deles, por meio dos sentidos humanos, com as ambiências impregnadas na forma urbana, e criar a realidade espacial que os circundam (DUARTE, 2015).

Neste sentido, o recorte deste trabalho se refere aos resultados das sensibilidades e historicidades percebidas durante seis passeios pelo SHN, que abrangeram em torno de 35 caminhantes.

OBJETIVO

Compreender as sensibilidades e historicidades dos usuários ao percorrerem o Sítio Histórico de Natal.

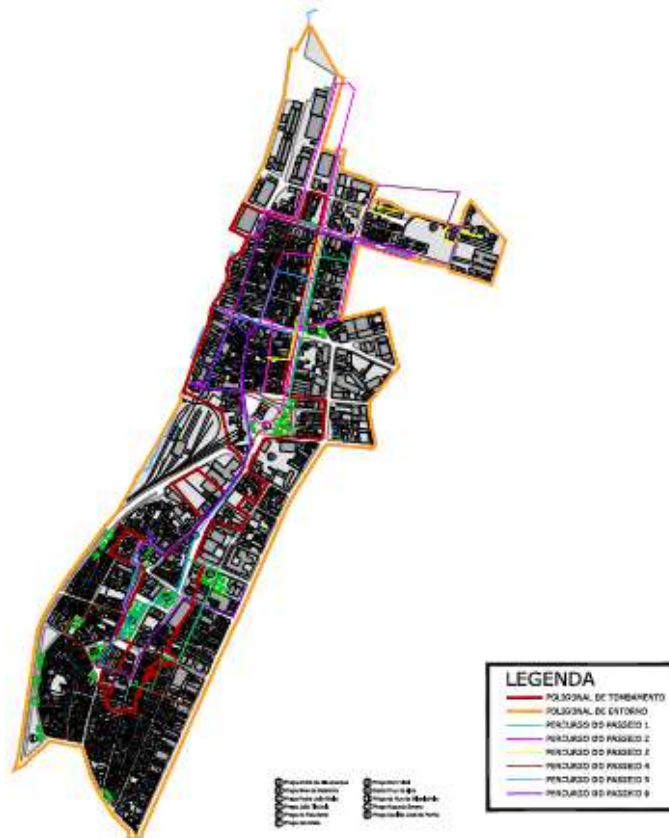
MÉTODO

Os procedimentos metodológicos adotados nesta etapa de pesquisa foram passeios que se configuraram como percursos sensíveis, com registros em diário de campo da pesquisadora e mapa (Figura 01). Assim, todas as manifestações dos caminhantes ao percorrerem o SHN e interagirem com as formas urbanas, como também as impressões e observações da pesquisadora sobre os

diversos aspectos abordados nos passeios foram captadas. As anotações foram registradas no momento dos percursos e depois transcritas no computador.

Aproximadamente 35 pessoas participaram dos percursos sensíveis, distribuídas em 6 passeios entre os meses de setembro de 2017 e janeiro de 2018 (Figura 01). Não houve um percurso fixo, embora o foco tenha sido a área correspondente à poligonal de tombamento do SHN e os lugares cotidianos dos caminhantes. A quantidade de pessoas por passeio também variou, pois alguns destes não tiveram como objetivo exclusivo a pesquisa desta tese; mas, de maneira geral, todos contribuíram de maneira significativa com o trabalho.

Figura 01: Mapa de Percursos pelo SHN



Fonte: Cíntia Viegas, 2018.



A maneira de apreensão da forma urbana do SHN, nestas circunstâncias, está na escala da rua, de acordo com a classificação de Lamas (2014), na qual enquanto caminhamos, conseguimos abarcar a unidade espacial em conjunto. Portanto, nos aproximamos da metodologia de visão serial de Gordon Cullen (2013), porém, sem aplicação de desenhos, e focando nos comportamentos e palavras dos caminhantes acerca das sensibilidades e historicidades locais.

DESENVOLVIMENTO

Os resultados das sensibilidades descritas e percebidas nos percursos foram de variados aspectos, porém de muitos pontos em comum entre os caminhantes.

Os olhos viram muito lixo acumulado nas ruas que faltam lixeiras, situação bem comum em todo o SHN, com destaque para os becos e travessas da Ribeira, onde em muitos casos, para se atravessar, é preciso pisar no lixo (Figura 02). Viram também esgotos a céu aberto, acúmulo de entulhos, fezes de animais e animais comuns de serem encontrados nestes casos, como ratos e baratas.

Figura 02: Lixo e entulhos na Tv. Venezuela



Fonte: Google Street View, 2016.

A poluição visual gerada pelos letreiros disputa a atenção com os buracos das calçadas, pequenas, muitas vezes desniveladas e frequentemente quebradas pelo estacionamento de veículos. Em muitos desses casos, os automóveis estão estacionados sobre as calçadas das ruas estreitas, causando a desagradável sensação de disputa por espaço de circulação e convivência.

Os comentários sobre as vias durante os percursos se restringiram à não existência da Av. do Contorno antigamente, quando a integração com a Pedra do Rosário a partir do alto da Cidade Alta era maior, o calçamento mais antigo de algumas vias (Rua Quintino Bocaiúva, em frente à Igreja de N. S. do Rosário dos Pretos e Travessa Pax), assim como os trilhos de trem desativados que passam pela Rua Chile (Figura 03) e cruzam a Rua das Donzelas.

Figura 03: Trilho que passa pela Rua Chile



Fonte: Google Street View, 2016.

Nos edifícios, elementos da forma urbana que se sobressaem em relação aos demais, os aspectos mais observados foram as portas fechadas para visitação de algumas instituições públicas, a grande quantidade de imóveis desocupados, que muitas vezes assustam pelas vedações das aberturas com tijolos ou avançados níveis de degradação (Figura 04), as preservações e descaracterizações das fachadas.

Os edifícios preservados e em bom estado de conservação geraram a percepção de imponência nos caminhantes. Entre eles, destacaram-se a Igreja do Galo (Santo Antônio), a Igreja de N. S. da Apresentação, o prédio do Instituto Histórico e Geográfico do RN, a Pinacoteca (Palácio Potengi), a Casa do Estudante, o edifício do DNOCS (Antiga Estação Ferroviária da Esplanada Silva Jardim) e o conjunto de edifícios ecléticos da descida da Av. Câmara Cascudo, que



independente do estado de conservação, foram identificados como arquiteturas monumentais e de muito valor patrimonial (Figura 05).

Figura 04: Edifícios degradados na Rua Chile



Fonte: Google Street View, 2016.

Figura 05: Conjunto de edifícios da Av. Câmara Cascudo



Fonte: Google Street View, 2016.

Os galpões da Rua Chile que margeiam o Rio Potengi foram apontados como feios e degradados. Sensações semelhantes os caminhantes tiveram ao ver o Cais da Av. Tavares de Lira, percebido como feio, desorganizado e fedido. Ao chegarmos no largo da Rua Chile, o edifício contemporâneo onde funciona o terminal marítimo de passageiros, ligado ao porto, chamou atenção pelo contraste com o entorno em termos estilísticos, de escala, texturas, entre outros.

A arquitetura preservada e em menor escala não despertou muita atenção nos passeios, com exceção de alguns exemplares da Rua Santo Antônio, no entorno da igreja, e algumas casas no entorno da Praça João Tibúrcio. Já o contraste entre os edifícios das instituições em grande escala e as casinhas das ruas estreitas foi percebido, assim como os traços ecléticos ou modernistas, que muitas vezes figuraram a ambiência histórica do lugar.

As ruínas foram mais vistas como belas e com ares de mistério – vislumbre do desconhecido onde tudo é possível (CULLEN, 2013) – do que geraram lamentações;

mas mesmo quem sente pena de ver edifícios tão degradados, demonstram desejos de restaurá-los. Entre as ruínas mais comentadas estão A Samaritana (Figura 06), na Rua Dr. Barata, o Antigo Hotel Majestic, na descida da Av. Câmara Cascudo e o Antigo Edifício Arpege (ou Galhardo), na Rua Chile.

Figura 06: Lixo e entulhos na Tv. Venezuela



Fonte: Google Street View, 2016.

Foram frequentes as comparações entre os edifícios da Cidade Alta e da Ribeira, com impressões de que a Ribeira acumula tempos distintos da história em suas fachadas, enquanto a Cidade Alta possui um casario mais uniforme em termos estilísticos. Os edifícios monumentais da Ribeira, maioria localizada na Av. Duque de Caxias, foram percebidos como mais imponentes do que os da Cidade Alta e apresentando maior contraste entre os edifícios vizinhos, em geral, muito mal conservados.

A região predominantemente residencial das Rocas, em torno do antigo parque ferroviário, foi associada visualmente a uma “cidadezinha de interior” pela tipologia edilícia de casas pequenas “de porta e janela” e pela presença de uma pracinha mais bem cuidada que as que se encontram no SHN.

Nas praças, de maneira geral, chamaram atenção os mobiliários urbanos quebrados e deteriorados e os moradores de rua. De maneira particular, a Praça João Maria desperta olhares para os camelôs despadronizados e vazios, a Praça João Tibúrcio para a parada de ônibus que predomina no espaço, a Praça



Augusto Severo por se encontrar vazia e sem atrativos, mesmo com a presença de um entorno de arquitetura monumental, e a Praça Sete de Setembro chama atenção por ser a mais bem conservada e possuir uma variedade de estilos arquitetônicos no entorno. As transformações espaciais mais visíveis pelos caminhantes foram nas praças André de Albuquerque e Augusto Severo. A Praça das Mães passou despercebida pela maioria das pessoas, a não ser pelas pichações percebidas por quem trabalha próximo e por ali passa todos os dias.

A ausência de muros e o tapume improvisado que se encontra no Conjunto São Pedro (Esplanada Silva Jardim e Rua João Câmara), onde moram as pessoas que foram relocadas da comunidade do Maruim, chama atenção pela presença de varais de roupas.

Quanto ao fluxo de pessoas, perceberam que a maior movimentação acontece na Cidade Alta, na Av. Rio Branco e proximidades, dado que o local ainda é considerado por muitos como o “centro” da cidade, apesar do comércio ter diminuído em comparação com as décadas de 1970 e 1980. No restante das áreas do SHN, muito foi comentado sobre o contrário: o esvaziamento da população. As ruas se apresentam desertas aos olhos dos caminhantes.

O fluxo de pedestres na Ribeira foi identificado como predominantemente masculino, associado ao comércio de peças, máquinas e serviços para automóveis. Estes usos, por sua vez, foram percebidos como contraste em relação aos antiquários e viveiro de plantas localizados na Rua Dr. Barata. A presença de homens bebendo na calçada da Av. Tavares de Lira também foi percebida, em um momento de constrangimento das mulheres que passavam no momento.

Algumas sensibilidades se voltaram para a relação entre urbanidades e lugares inóspitos. Nas ruas do entorno do Conjunto São Pedro, as crianças jogando bola, a criação de galinhas, a plantação de hortas, entre outros comportamentos da vizinhança, demonstram a apropriação do espaço em direção à urbanidade, no sentido de “fazer exatamente o que lhe convém e quando lhe convém” (CULLEN, 2013, p. 23); enquanto as grades e cercas de arame farpado que impedem o acesso físico e visual ao Rio Potengi, os muros que circundam o antigo parque ferroviário das Rocas (Figura 07), entre outras paredes cegas encontradas em todo o SHN, a insegurança sentida nos espaços desertos de

pessoas e próximos aos pontos de consumo de drogas, entre outros aspectos que desintegram pessoas e lugares, muitas vezes se tornam os ambientes sociofugidios.

Figura 07: Muro em torno da Antiga Estação Ferroviária da Esplanada Silva Jardim



Fonte: Google Street View, 2016.

O SHN tem cheiro de lixo, fezes de animais, urina humana e animais mortos em uma grande quantidade de ruas, cheiro de peixe na Rua Chile e no Cais da Av. Tavares de Lira, e de fumaça gerada por caminhões de carga pesada que se acumulam na Esplanada Silva Jardim, na Av. Eng. Hildebrando dos Reis e na Av. Duque de Caxias. Tem sabores de frutas de época, vendidas em calçadas da Cidade Alta, do peixe comercializado na Ribeira e nas Rocas, de cervejas e cachaças vendidas nos bares da Ribeira.

Ao caminharmos pelo SHN, percebemos a poluição sonora causada pelos autôfalantes das lojas que ainda resistem na Cidade Alta e pelos caminhões de carga pesada que circulam nos arredores do porto.

O sentido tátil aparece mais nos diferentes tipos de pavimento (asfalto, paralelepípedos antigos e recentes) e entulhos de diferentes materiais que pisamos nas vias do SHN: trilhos, vidros, tijolos e outros restos de construções, restos de comida, roupas e objetos pessoais descartados, pedaços de calçada, água com sabão da lavagem de calçadas de lojas e oficinas, entre outros. A vontade de tocar nos edifícios não apareceu. Em contrapartida, o sol tocou nossa pele e castigou a todo instante durante os percursos, com uma única experiência de alívio ao passar pelo Largo Junqueira Aires, muito sombreado.

Cullen (2013) ressalta que as sombras são umas das causas mais frequentes de apropriação e ocupação dos espaços, o que justifica a presença de muitos moradores de rua ocupando o Largo Junqueira Aires, por ser um espaço de exceção em meio a tanto sol e calor.

As historicidades sentidas durante os percursos se revelaram mais nas fachadas dos edifícios do que nos demais elementos da forma urbana do SHN. Estavam



impregnadas nos edifícios de valor patrimonial preservados, tanto no casario imponente quanto nas casas de menor escala, incluindo estilos variados do colonial ao modernista. Algumas ruas se tornaram mais especiais do que outras, especialmente o percurso barroco da Cidade Alta, o Largo Junqueira Aires, a Av. Câmara Cascudo, a Rua Chile, a Rua Dr. Barata e o conjunto inteiro do Antigo Parque Ferroviário das Rocas, que independente dos estados de conservação dos edifícios, a historicidade neles se faz presente pelos ornamentos das fachadas.

As ruínas, mais do que qualquer outros tipos de edifícios, geraram uma atmosfera antiga e misteriosa. Misteriosa pelo fato dos caminhantes reconhecerem os valores de antiguidade das arquiteturas, mas nem sempre conseguem estabelecer vinculações das edificações com os fatos históricos da cidade.

As praças, em comparação aos edifícios, possui historicidades pouco sentidas pelos caminhantes. Nos passeios, a Praça Pe. João Maria não aparentou ser histórica, a Praça João Tibúrcio não revelou nada antigo e as praças André de Albuquerque e Augusto Severo chamaram mais atenção pelos usos e elementos formais contemporâneos do que pelas características espaciais históricas remanescentes.

Os lugares da vida cotidiana do passado dos caminhantes são carregados de historicidade; pois ao passarem por eles, a memória e sensibilidades vieram à tona imediatamente. São historicidades inegáveis, porém de fortes aspectos subjetivos e individuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os diferentes passeios pelo SHN apresentaram congruências com as observações de Panerai (2014), quando o autor observa que os percursos não são forçosamente contínuos e interligados uns aos outros. Os sentidos humanos revelaram as heterogeneidades presentes no local, que ora caminham em direção à leitura histórica do ambiente, mas muitas vezes é interrompida por transformações na forma urbana avassaladoras ou problemas decorrentes do processo de urbanização contínuo.

Os percursos sensíveis revelaram sensibilidades variadas, com maior destaque para aquilo que se vê na forma urbana do Sítio Histórico de Natal, em detrimento

dos demais sentidos humanos. Apesar do esvaziamento de pessoas e um grande número de imóveis desocupados, os sentidos comprovam que existe uma dinâmica própria do lugar, que embora desagrade em muitos aspectos, mantém o ambiente vivo.

Quanto às historicidades locais, os passeios pelo SHN revelaram sim historicidades presentes, embora para muitos, desconexas com os fatos históricos de Natal. Foi unânime a percepção de que o local necessita de intervenções que protejam os bens culturais e investimentos na gestão patrimonial, que tragam mais urbanidade para a área.

Os resultados obtidos nesta última etapa de pesquisa contribuem para a confirmação da tese de que o Sítio Histórico de Natal está se distanciando de sua qualidade histórica, na medida em que ocorreram transformações maiores na forma urbana local a partir da segunda metade do século XX. As pessoas reconhecem que as transformações espaciais interferem na legibilidade histórica do lugar, mas a historicidade local pode ser parcialmente percebida pelos traços remanescentes das formas urbanas de valor patrimonial.

AGRADECIMENTOS

À CAPES pelo financiamento do estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CULLEN, G. **Paisagem Urbana**. Lisboa: Edições 70, 2013.

DUARTE, C. R. A Empatia Espacial e sua implicação nas ambiências urbanas. In: *Projetar*, 7, 2015, Natal. **Anais...** Natal: 7ª *Projetar*, 2015, 12 p.

LAMAS, J. M. R. G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2014.

PANERAI, P. **Análise Urbana**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014.